



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais
Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”
Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

Eixo: Ética, Direitos humanos e Serviço Social.

Sub-eixo: Ênfase em Direitos Humanos.

DROGAS: UMA ANÁLISE SOBRE O CONSUMO DE DROGAS PELA ÓTICA DOS DISCENTES DO CURSO DE SERVIÇO SOCIAL/UFRB

Heleni Duarte Dantas de Ávila¹
Marcos Oliveira de Jesus²
Thainá Santana dos Santos³
Taís Lima Costa⁴
Daniele Sampaio Gonzaga⁵
Jéssica Bastos Sampaio⁶
Wagner Souza da Encarnação⁷

Resumo: Este artigo é fruto de uma pesquisa, que tem como objetivo analisar as percepções sobre o uso de drogas entre os discentes do CAHL/UFRB. Os discentes foram convidados a responder um questionário que avalia o consumo e percepção sobre o uso de drogas. As respostas tiveram um equilíbrio, porém, através das justificativas, percebeu-se desconhecimento sobre as categorias legalização e descriminalização.

Palavras-chave: Drogas; estudantes de Serviço Social; percepções sobre uso de drogas.

Abstract: This article is the result of research that aims to analyze the perceptions about drug use among CAHL / UFRB students. Students were asked to answer a questionnaire that evaluates drug use and perception of drug use. The answers had a balance, however, through the justifications, it was perceived ignorance about the categories legalization and decriminalization.

Keywords: Drugs; students of Social Work; perceptions about Drug use

1. INTRODUÇÃO

Estudos⁸ desenvolvidos mostram que a maioria dos estudantes universitários consome ou já consumiu drogas, lícitas ou ilícitas, pelo menos alguma vez em suas vidas. O modo como as drogas são utilizadas e vistas pelos consumidores e pela

¹ Professor com formação em Serviço Social. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail:<marcosoliv018@gmail.com>.

² Estudante de Graduação. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail:<marcosoliv018@gmail.com>.

³ Estudante de Graduação. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail:<marcosoliv018@gmail.com>.

⁴ Estudante de Graduação. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail:<marcosoliv018@gmail.com>.

⁵ Estudante de Graduação. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail:<marcosoliv018@gmail.com>.

⁶ Estudante de Pós-Graduação. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail:<marcosoliv018@gmail.com>.

⁷ Estudante de Graduação. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail:<marcosoliv018@gmail.com>.

⁸Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD) e entre outros.

comunidade universitária é essencial para avançar no debate e na construção de políticas institucionais no âmbito do consumo dessas substâncias.

O uso de substâncias psicoativas (SPA) lícitas (bebidas alcoólicas, tabaco, medicamentos com potencial de abuso) e ilícitas (cocaína, maconha, *crack*, *ecstasy*, entre outras) é um dos temas que figuram entre as principais preocupações da sociedade atualmente.

O consumo destas substâncias, no âmbito das universidades, tem sido estudado, tanto no Brasil como em outros países, desafiando a necessidade de um aprofundamento acerca da temática, bem como a necessidade de implementação de políticas que não venham reproduzir os erros da maioria das iniciativas vigentes em esferas públicas e que busquem um diálogo aberto e mais abrangente.

Assim, objetiva-se, com este trabalho, discutir o uso e as percepções sobre o uso de drogas no curso de Serviço Social do Centro de Artes Humanidades e Letras – CAHL, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB; trata-se de uma pesquisa em andamento e, por esta razão, os resultados apresentados serão parciais.

2. DROGAS NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO

Ao longo da história pode-se constatar uma relação dos homens e das mulheres com as drogas, pois não existiu sociedade de que não se tenha registros do uso de alguma substância psicoativa; portanto, o uso de drogas e seus significados são produtos da práxis social historicamente construída: sejam os usos terapêuticos, rituais ou alimentares das sociedades tradicionais, sejam os usos hedonistas ou dependentes, atualmente presentes na sociedade capitalista tardia (BRITES, 2006).

Segundo Karam (2005), as opções pela criminalização e pela repressão ainda persistem como um conteúdo irracional da legislação brasileira sobre drogas, o que tende a piorar com a Política de Drogas adotada pelo atual governo.

Apesar da referência pautada na repressão do uso às drogas adotado pelo Brasil, o uso de substâncias psicoativas (SPAs) lícitas e ilícitas tem sido considerado um problema de saúde, uma vez que predispõem a acidentes, violência interpessoal, comportamentos de risco, distúrbios do sono e dependência física ou psicológica.

Além disso, o uso de SPAs tem gerado uma grande preocupação mundial devido ao número de usuários existentes e ao seu impacto sobre os indivíduos e a sociedade.

Segundo Fernandes (2017), o que se tem percebido é que o consumo dessas substâncias está distribuído desde estratos mais pobres até os mais ricos, abrangendo jovens, adultos e idosos. Nesse contexto, e considerando-se pesquisas nacionais realizadas em populações específicas, destaca-se, com um grau de importância, o uso de SPAs entre estudantes universitários. O Brasil conta com 8 (oito) milhões de estudantes matriculados em 33 mil cursos de graduação de 2.364 instituições públicas e particulares, de acordo com o Censo da Educação Superior de 2015.

O uso de SPAs entre universitários brasileiros parece ser uma prática frequente, muito discutida pela mídia leiga (BARROS; ORTEGA, 2011) e analisada por alguns estudos científicos.

De acordo com estudos realizados por Cesar et al. (2012), 22,8% (quase 12 milhões de pessoas) de toda a população brasileira, dos 12 aos 65 anos, já fez uso de SPAs— desconsiderando-se álcool e tabaco —, com a frequência de uso maior entre a população universitária, quando comparada à população geral. Outro estudo realizado no Estado de São Paulo (ECKSCHMIDT; ANDRADE; OLIVEIRA, 2013) observou que a frequência de uso de substâncias lícitas e ilícitas pelos universitários no Brasil é maior do que pela população geral brasileira entre 18 e 24 anos. A prevalência do uso de álcool, por exemplo, foi de 78,6% na população geral contra 89,3% entre universitários.

Apesar dos dados apresentados, as universidades, em sua grande maioria, não possuem uma política própria para abordar a questão das drogas entre os estudantes, em particular, nem com os demais membros da comunidade acadêmica.

Ante este quadro, faz-se necessária a realização de estudos que contemplem a questão do uso das drogas no âmbito das universidades, a fim de subsidiar a implementação de políticas próprias, pautadas, em nosso entendimento, na metodologia da Redução de Danos (RD).

3. METODOLOGIA

A pesquisa, em andamento, é um estudo descritivo, de abordagem quantitativa/ qualitativa, pois esta possibilita maior aproximação com o cotidiano e as experiências vividas pelos próprios participantes. O estudo inicialmente foi realizado no curso de Serviço social da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Centro de Artes Humanidades e Letras (CAHL), situado em um município do interior do estado, denominado Cachoeira⁹.

Inicialmente foi feita revisão de literatura pertinente ao tema e, posteriormente, a realização das entrevistas. Foi utilizado questionário com perguntas fechadas e abertas com liberdade de narrativas, para ser aplicado aos discentes. A amostra escolhida foi um quantitativo de 10% do segmento que compõe a categoria discente do curso de Serviço Social da UFRB. Optou-se por iniciar a pesquisa pelo Serviço Social, porque é o curso com o maior número de estudantes do Centro onde está inserido e pelo fato dos pesquisadores serem desse curso.

Pretende-se seguir com a pesquisa, ampliando para outros cursos do CAHL e, posteriormente, para toda a universidade, com vistas a subsidiar a criação de uma política institucional sobre drogas.

4. RESULTADOS

Como explicitado anteriormente, a pesquisa traz uma amostragem das percepções das/os discentes do curso de Serviço Social da UFRB sobre o uso de drogas. Sendo assim, antes de apresentar qualquer dado, seja ele quantitativo ou qualitativo, é imprescindível apontar algumas características que particularizam a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. A UFRB é uma universidade advinda do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), e está localizada em território de identidades culturais que é o Recôncavo da Bahia. Além disso, é considerada a universidade que tem a maioria

⁹Está distante cerca de 120 km da capital do estado, Salvador. Sua área é de 395 quilômetros quadrados e a população, conforme estimativas do IBGE de 2018, era de 33 861 habitantes.

dos seus estudantes declarados como negros e pobres, tendo um percentual de 83,4% e 82% respectivamente, tornando-a a Universidade mais negra do Brasil.¹⁰

Ao trazermos algumas das particularidades da Universidade, podemos dimensionar variáveis complexas, principalmente quando fazemos intersecções entre raça/etnia, gênero e classe. Nota-se que estamos em um Estado de guerra que vitima todos os dias a população jovem, preta e pobre no Brasil. “De cada 100 pessoas que sofrem homicídio no Brasil, 71 são negras. Jovens e negros do sexo masculino continuam sendo assassinados todos os anos como se vivessem em situação de guerra.” (CERQUEIRA et al, 2017, p. 30).

Essas especificidades nos conduzem a identificar uma série de questões que possam dar uma resposta aos questionamentos: como e quando se aderiu a grupos específicos controle por meio da política contra as drogas? Trazendo à memória uma análise do movimento sócio-histórico, observa-se que as ações de cunho interventivo por parte do Estado seguem em lugares já delineados. Sendo assim, a cidade de Cachoeira, que abriga o Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL), campus da UFRB, é território eminentemente composto pela população negra, e, em termos geográficos como o Recôncavo foi e tem sido marginalizado.

4.1. UNIVERSO DA PESQUISA

Tabela 1 – Período de aplicação 2018.2

Turmas	Número	Porcentagem
1º Semestre	7	14,29%
2º Semestre	7	14,29%
3º Semestre	7	14,29%
4º Semestre	8	16,32%
6º Semestre	7	14,29%
7º Semestre	7	14,29%
8º Semestre	6	12,24%

¹⁰Ver mais em: “Em seus 12 anos, UFRB comemora maioria negra e pobre no ensino superior.” Matéria postada no site da UFRB, em comemoração aos 12 anos de implementação da UFRB no Recôncavo da Bahia.

Total:	49	100%
---------------	----	------

Fonte: Questionário da pesquisa.

Apenas a turma do 5º semestre – na época – não respondeu aos questionários, porém, frisamos novamente que a pesquisa está em andamento e que os resultados deste estudo são preliminares.

4.2. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DE GRUPOS SOCIAIS

Diante do que foi exposto traremos nas tabelas 2 e 3, dados quantitativos de identificações de grupos sociais que dizem respeito ao perfil das/os discentes do curso de Serviço Social da UFRB.

Tabela 2 – Cor/Raça

Cor/Raça	Número	Porcentagem
Pretos	34	69%
Pardos	13	27%
Branco	2	4%
Total:	49	100%

Fonte: Questionário da pesquisa.

Apesar de estar em andamento, a pesquisa confirma preliminarmente que a maioria dos estudantes são afrodescendentes, ou seja, a soma dos pretos e pardos chega a 96% dos entrevistados.

Sobre a questão de Gênero:

Tabela 3 – Gênero

Gênero	Número	Porcentagem
Feminino	40	82%
Masculino	8	16%
Não Marcou	1	2%
Total:	49	100%

Fonte: Questionário da pesquisa.

Os dados da amostra denotam que a maioria das discentes do curso de Serviço Social são mulheres com um número de 82%, homens representam apenas

16%, com base nos questionários aplicados. Até aqui podemos dizer que o perfil das/os discentes do curso de Serviço Social, são em sua maioria mulheres e negras. A partir desse ponto, trataremos as discentes no feminino entendendo que a maioria do universo analisado se refere a mulheres.

4.3. FRAGMENTOS E TRANSCRIÇÕES DOS QUESTIONÁRIOS

O primeiro questionamento da pesquisa sobre o tema Drogas foi se as entrevistadas seriam a favor da legalização das drogas ilícitas, com justificativa dada à resposta.

Tabela 4 – Relações das respostas

A favor?	Número
Sim	25
Não	21
Não respondeu	3
Total:	49

Fonte: Questionário da pesquisa.

Das entrevistadas que disseram *Sim*, seguiram as seguintes justificativas no quadro 1:

Justificativas
<ul style="list-style-type: none"> • “Proibida ou não o usuário continuará usando.” • “Diminuição do genocídio da população negra. Assim como o encarceramento dos usuários.” • “O fato da legalização apresentará políticas efetivas para controle.” • “Diminuirá a entrada de jovens no tráfico.”

Fonte: Questionário da pesquisa.

As entrevistadas que disseram *Não*, justificaram da seguinte forma, no quadro 2:

Justificativas

- “O uso das drogas ilícitas geram problemas que afetam não só ao usuário, mas também às outras pessoas.”
- “A legalização pode agravar a situação das pessoas que são viciadas.”
- “Por ser algo que altera o sistema nervoso central e envolve questões da saúde de quem usa, prefiro deixar tudo como está.”

Fonte: Questionário da pesquisa.

Algumas entrevistadas responderam não para a legalização das drogas ilícitas, porém algumas não veem problema na legalização da maconha. Outro fator que chamou a atenção dos pesquisadores, em uma das respostas, não só demonstra o apoio à legalização das drogas, mas também enfatiza a questão racial, sendo esta um fator estruturante da sociedade brasileira, vendo o racismo estrutural como forma de discriminação dos povos negros. Como dito anteriormente, a guerra às drogas acaba vitimando a população negra, jovem e pobre do Brasil.

Já ao observarmos as narrativas das discentes que são desfavoráveis às legalizações das drogas ilícitas denotaremos posturas seguindo a linha do proibicionismo. Em uma das respostas, a entrevistada se preocupa com a legalização das drogas ilícitas sendo um fator que poderá agravar a situação das “pessoas viciadas”, entretanto podemos levantar alguns questionamentos como, por exemplo, o que seria vício? Qual a relação de vício e as drogas? Só as drogas ilícitas causariam vício? Primeira coisa que devemos fazer é sinalizar que entendemos o vício como dependência. Segundo Brites (2006), o uso de drogas – e a dependência – responde às necessidades postas pela práxis social. Além disso, se seguirmos tal perspectiva, poderemos notar que ela só se aplica ao uso das drogas ilícitas e que não há as mesmas preocupações e estigmas referentes a drogas lícitas como exemplo tabaco, álcool, entre outras drogas.

O segundo questionamento que se sucedeu é se as entrevistadas seriam a favor da descriminalização dos usuários de drogas e a justificativa da resposta.

Tabela 5 – Relações das respostas

A favor?	Número
Sim	24

Não	24
Não soube responder	1
Total:	49

Fonte: Questionário da pesquisa.

Quadro 3: Justificativa das entrevistadas que responderam *Sim*.

Justificativas
<ul style="list-style-type: none"> • “Acredito que todos devem ter o direito de usar as substancias psíquicas sem qualquer tipo de criminalização ou preconceito, todos devem ser respeitados em suas escolhas.” • “Certos tipos de drogas são medicamentos e a criminalização que impediriam certos medicamentos fossem vendidos.” • “Acaba com o assassinato do negro sob o argumento do crime.” • “Para que desta forma se pense as políticas sociais específicas voltadas para essa população ou se intensifique as já existentes como as reduções de danos.”

Fonte: Questionário da pesquisa.

Quadro 4: Justificativa das entrevistadas que responderam *Não*.

Justificativas
<ul style="list-style-type: none"> • “Acredito que a descriminalização só faz com que o usuário se distancie de sua vida, tornando-o ainda mais dependente e solitário.” • “Não é porque uma pessoa usa drogas que ela deve ser discriminada.” • “São os usuários de drogas ilícitas que movimentam o tráfico. Além disso, drogas causam problemas à pessoa e a família.”

Fonte: Questionário da pesquisa.

Observa-se que as entrevistadas, tanto aquelas que responderam *Sim* para a descriminalização dos usuários, como aquelas que responderam *Não* para a mesma pergunta, acabaram confundindo o conceito de descriminalização com o conceito de discriminação. Diante disso, põe-se a necessidade de ampliação e discussão sobre o tema dentro do campus.

A questão seguinte diz respeito se as entrevistadas já haviam feito algum uso de substâncias psicoativas e quais seriam essas substâncias. As respostas foram às seguintes:

Tabela 6 – Relações das respostas

Já usou substâncias psicoativas?	Número
Sim	14
Não	35
Total:	49

Fonte: Questionário da pesquisa.

No quadro 5 podemos observar quais foram às substâncias que foram citadas nos questionários.

Substâncias Psicoativas
<ul style="list-style-type: none"> • Maconha • Álcool • Medicamentos para ansiedade • Tarja preta • LSO • DMT • Cocaína • <i>Ecstasy</i>

Fonte: Questionário da pesquisa.

Podemos observar uma quebra de padrão das respostas dessa questão em comparativo com as questões anteriores. Nas questões anteriores as respostas entre *Sim* e *Não* das entrevistadas ficaram muito equilibradas, já nesta questão temos uma disparidade entre as respostas. A maioria das entrevistadas respondeu *Não* ao uso de substâncias psicoativas.

O Próximo questionamento refere-se ao uso de drogas e o que seriam drogas para as entrevistadas.

Tabela 7 – Relações das respostas

Já fez uso de drogas?	Número
Sim	23
Não	24
Não responderam	1
Total:	49

Fonte: Questionário da pesquisa.

O quadro 6 mostra a relação das justificativas das entrevistadas que responderam *Sim* a essa questão.

Justificativas
<ul style="list-style-type: none"> • “Drogas seriam substâncias que são capazes de fazer alguma alteração no comportamento do usuário.” • “Toda substância que altera o estado 'normal' de consciência do indivíduo.” • “É tudo que é extremo ao corpo humano e modifica o seu organismo.”

Fonte: Questionário da pesquisa.

O quadro 7 mostra a relação das justificativas das entrevistadas que responderam *Não*.

Justificativas
<ul style="list-style-type: none"> • “Para mim drogas é tudo que faz mal, amores, pessoas, álcool, entre outros.” • “Uma luta covarde, pois atinge, não apenas a família, mas toda a sociedade.” • “Substância que afeta o organismo do sujeito de tal forma que o faz não está completamente bem das suas faculdades mentais, considerando frequência e quantidade consumida.”

Fonte: Questionário da pesquisa.

Comparando as respostas com a definição sobre o que seriam drogas para as entrevistadas, percebe-se que as estudantes que utilizam drogas as definem como uma substância que causa uma modificação no comportamento ou sentimento; em contrapartida, as entrevistadas que responderam não, relacionam o uso das drogas para além do efeito de causar uma mudança, classificam, com princípios de negatividade, que as drogas em suas concepções afetam não só a pessoa que a consome no campo privativo, mas também as pessoas ao seu redor.

O ultimo questionamento é referente a sugestões de criação de uma política de drogas para a UFRB. Observa o quadro 8:

Justificativas
<ul style="list-style-type: none"> • “Primeiro passo é esta pesquisa para ter uma base como vivem o efeito das drogas na vida dos alunos e depois a pesquisa construir um projeto junto com os usuários.” • “Sugiro como obrigatoriedade uma disciplina em todos os cursos da instituição que explicita o significado da política de drogas, efeito e consequência das drogas.” • “Espaço de democracia para desenvolver debates sobre o tema.” • “Proibir severamente o uso e a venda de drogas dentro da UFRB. Palestras de conscientização sobre o perigo nas drogas e convênio com a PM.” • “Um local adequado para que essas pessoas possam utilizar já que fazem isso em qualquer lugar na Universidade.”

Fonte: Questionário da pesquisa.

As discentes tiveram espaço para propor políticas de drogas para o campus, algumas delas seguindo perspectiva da ampliação do diálogo e conscientização sobre o tema. Porém, houve outras sugestões que seguiram a perspectiva proibicionista, uma delas, sugere que seja proibido severamente o uso e a venda de drogas e propõe convênio com a Polícia Militar do estado da Bahia.

5. CONCLUSÃO

Em suma, observou-se, por meio desta pesquisa, que as opiniões são as mais distintas quando se trata da questão das drogas. Os desafios para o sucesso de um debate transversal nunca se fizeram ausentes, no entanto, tendo em vista a conjuntura política na qual o país está inserido, percebem-se as problemáticas inseridas para se criar uma atmosfera “saudável” que viabilize os diálogos e as trocas sobre o tema. Muito embora contraditoriamente, através da concessão das falas das e dos entrevistados/as, já se comprovou a disposição para se discutir e, por conseguinte, enxergamos a possibilidade da concretude de novas experiências.

Foi percebido que o imaginário que as drogas possuem interferiu nas respostas dos entrevistados, necessitando assim, de uma percepção aguçada para análise dos dados. Essa assimilação, portanto, foi necessária para entender as especificidades mais intrínsecas de cada indivíduo em uma dada particularidade histórica, para assim possibilitar a criação de medidas que considerem essas.

Portanto, notam-se percepções embebidas no desejo de formas propositivas de se pensar as drogas numa roupagem. Leia-se tal como uma nova forma de pensar no uso de substâncias psicoativas alinhadas com a questão de saúde pública, afirmativa esta feita a partir das falas cedidas a esta pesquisa. Por outro lado, observou-se a ânsia, em algumas respostas, por resolutivas incisivas de “combate às drogas” que corroborem, de forma pontual, para o fim do uso, na justificativa de diminuição da violência. Tais reflexões relembram uma assertiva de conhecimento geral: por longas datas, a política de drogas vem se moldando em uma guerra armada e falha especificamente no recôncavo. Essa afirmação pode ser comprovada a partir das numerosas ações intervencionistas em todo o âmbito brasileiro e, conseqüentemente, no território baiano. Tantas medidas que, de fato, não nos têm dado efetivas soluções, e muito menos conversam com a raiz mais profunda do problema. Essas considerações foram feitas tendo em vista a ousadia de se construir e se fortalecer no âmbito da pesquisa acadêmica conteúdos que deem substrato para a construção de outras formas de pensar e de se fazer Políticas de Drogas.

REFERÊNCIAS

_____. MEC. Censo mostra que ingressos de alunos cresceu 8,5% em 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/32123>, Acesso em 29 de abril de 2019.

_____. UFRB. Em seus 12 anos, UFRB comemora maioria negra e pobre no ensino superior. 2017. Disponível em: <https://ufrb.edu.br/portal/noticias/4800-em-seus-12-anos-ufrb-comemora-maioria-negra-e-pobre-no-ensino-superior>. Acesso em: 29 de abril de 2019.

ANDRADE, A.G.; DUARTE, P.C.A.V.; OLIVEIRA, L.G. I levantamento nacional sobre o uso de álcool, tabaco e outras drogas entre universitários das 27 capitais brasileiras. Brasília: Senad, 2010.

BARROS D, ORTEGA F. Metilfenidato e aprimoramento cognitivo farmacológico: representações sociais de universitários. Saúde Soc. 2011; 20(2): 350-62. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902011000200008>

BRITES, Cristina. Ética e uso de drogas – uma contribuição da ontologia social para o campo da saúde e redução de danos. Tese de doutorado. São Paulo, 2006.

CERQUEIRA, D. et. al. Atlas da Violência. IPEA. FBSP. Rio de Janeiro. Junho. 2017.

CESAR, E. L. R et.al. Uso prescrito de cloridrato de metilfenidato e correlatos entre estudantes universitários brasileiros. Rev. Psiquiatr. Clin. 2012; 39(6): 183-8. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-60832012000600001>.

ECKSCHMIDT, F.; ANDRADE, A. G.; OLIVEIRA, L.G. Comparação do uso de drogas entre universitários brasileiros, norte-americanos e jovens da população geral brasileira. J Bras Psiquiatr. 2013;62(3):199-207. <http://dx.doi.org/10.1590/S0047-20852013000300004>.

FERNANDES, Thaís Ferraz. Uso de substâncias psicoativas entre universitários brasileiros: perfil epidemiológico, contextos de uso e limitações metodológicas dos estudos. In: Cadernos de Saúde Coletiva, 2017, Rio de Janeiro, 25 (4): 498-507498.

KARAM, Maria Lúcia. Legislação brasileira sobre drogas: história recente – a criminalização da diferença, In: ACSELRAD, Gilberta (org.). Avessos do prazer: drogas, aids e direitos humanos. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2ª ed. 2005